

A DESCOBERTA DE NOVOS AMBIENTES E POSSIBILIDADES: O FIM DAS FRONTEIRAS POR MEIO DAS METODOLOGIAS ATIVAS

GOIÂNIA/GO MAIO/2017

CELSO PINTO SOARES JUNIOR - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - cpsjunior@hotmail.com

MARCELO DUARTE PORTO - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - marcelo.porto@ueg.br

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: DESCRIÇÃO DE PROJETO EM ANDAMENTO

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

O avanço das mídias digitais e da legislação educacional brasileira vem proporcionando uma ampliação da oferta de cursos superiores na modalidade a distância, principalmente nos cursos de formação de professores. Contudo, essa modalidade que viabiliza a democratização do ensino por meio da interiorização dos cursos e da flexibilidade nos horários de estudo, ainda promove poucas pesquisas em prol de suas metodologias e dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, é necessário que essa modalidade rompa com os paradigmas educacionais oriundos da modalidade presencial e ao mesmo tempo não se condicione ao determinismo tecnológico. Uma das estratégias é perceber a importância de introduzir metodologias ativas de aprendizagem, que possibilite ao aluno um maior envolvimento na construção do conhecimento, além de motivá-lo por meio dos desafios e interações sociais. Por compreendermos que o tutor é um importante ator na inovação dos processos educacionais, esse trabalho teve como objetivo compreender a visão dos professores tutores dos cursos de Educação a Distância sobre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, além de promover uma discussão sobre os processos de mediação pedagógica e as mídias digitais, relacionando-os com a necessidade da utilização de metodologias ativas. Entende-se que o ensino e a aprendizagem não devem estar limitados a um único ambiente, mas que o aluno tenha condições de explorar todo o universo digital, propomos assim a adoção de um novo método, o Conceito H.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; mídias digitais; Conceito H.

1. Introdução

A Educação a Distância (EaD) é uma modalidade educacional em amplo crescimento, sustentada principalmente pelo avanço das mídias digitais e pela demanda de uma proposta pedagógica que apresente metodologias ativas, flexíveis e inovadoras. Muito se discute sobre a necessidade de alternativas inovadoras na educação, Moran (2013) nos alerta que a educação ainda está presa em processos burocráticos, caracterizada como pouco atraente e sem inovação, fruto de uma visão conservadora.

A EaD ainda importa referenciais de qualidade e de gestão dos cursos presenciais, e apesar de se relacionar diretamente com as novas tecnologias, utiliza-se de práticas já consolidadas e que não oferecem o caráter empreendedor e criativo para a modalidade. Moran (2013) acentua como desafios dessa modalidade superar o foco no conteúdo e promover ambientes ricos de aprendizagem. Para ele precisamos superar as leituras rígidas e as atividades fixas.

Kenski (2005) ao dialogar com o contexto da educação presencial apresenta que a sala de aula promove o isolamento, a indiferença e o desinteresse dos alunos e que as mídias digitais podem auxiliar para tornar os espaços escolares mais criativos, possibilitando assim a utilização de metodologias ativas. De acordo com Sobral (2012) as metodologias ativas promovem uma maior participação do aluno em seu processo de desenvolvimento.

Moran (2015) nos chama a atenção para o fato de que, se buscamos autonomia dos alunos, precisamos possibilitar que eles tenham acesso a metodologias que os desafiem, possibilitando a tomada de decisões. É preciso que o professor possibilite ao aluno novas experiências e que esteja em constante diálogo através dos processos de mediação pedagógica.

Ao analisarmos um curso ofertado pela modalidade EaD, baseado apenas na utilização de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), constituído a partir de um designer educacional fixo, não estaríamos reproduzindo o modelo das salas de aula presencial? Não estamos limitando a capacidade crítica e autônoma do aluno em percorrer por diferentes ambientes?

Fagundes (2010) nos alerta que seja em salas de aula de cursos presenciais ou em AVA a concepção conservadora se mantém:

[...] representada por uma programação prévia massificada independente de contexto e das condições dos aprendizes, sem quaisquer relações interdisciplinares, sem relações com a vida. O papel controlador e repressor

do professor, sua função de sábio que deve transmitir para um aluno passivo que deve ser receptor (p. 12).

Buscando esse diálogo entendemos que para promover uma formação ativa e autônoma, no contexto da EaD, toda a internet é um local de aprendizagem, e que portanto os alunos não devem permanecer restritos as” paredes virtuais” de um Ambiente Virtual de Aprendizagem, promovendo a construção da autonomia a partir da descoberta de novos espaços e compartilhamento de conhecimentos. Sabemos que o AVA além da sala de aula, possibilita a gestão dos processos acadêmicos, por esse motivo não defendemos a sua extinção, mas sim a inovação e apropriação de novas metodologias na EaD.

Bandeira e Rocha (2016) destacam que não nos apropriamos das potencialidades tecnológicas, principalmente no processo de ensino e aprendizagem. Em relação aos AVA afirma que:

Os ambientes virtuais de aprendizagem, em suas variadas configurações e definições, são o mais evidente exemplo dessa visão estreita do uso das tecnologias. Elaborados a partir da ideia de “salas de aula virtuais”, elas acabam, na maioria das vezes, por se configurarem como repositórios de conteúdos e de discussões superficiais em fóruns que mal tangenciam os temas propostos (p.89).

Concordamos com o proposto pelos autores de que nos cursos da modalidade EaD, por muitas vezes, o processo é centrado nas mídias digitais, deixando de valorizar os processos de mediação pedagógica e as interações, além de transformar o processo de ensino e aprendizagem mecânico e repetitivo. O professor tutor deve atuar como um facilitador e mediador, auxiliando os alunos a prosseguir na direção correta para a solução do problema, permitindo que no final do processo sejam desenvolvidas reflexões sobre os caminhos percorridos e o sucesso alcançado (WOOD, 2004). Temos que considerar ainda que o desenvolvimento das mídias digitais favoreceu os processos de interação, possibilitando o trabalho colaborativo entre os alunos.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi compreender qual a visão dos professores tutores de cursos EaD sobre os AVA, além de promover uma discussão sobre os processos de mediação pedagógica e as mídias digitais, relacionando-os com a necessidade da utilização de metodologias ativas.

2. Procedimentos Metodológicos

Participaram da pesquisa 10 professores tutores dos cursos de Licenciatura da

Universidade Estadual de Goiás. Optamos por trabalhar com os professores tutores dos cursos de formação de professores, por entendermos que eles são influência direta na formação dos futuros professores. Pimenta (1999) dialoga com o autor, ao argumentar que a atividade docente deve-se originar de cursos de licenciatura que possibilitem aos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes proporcionem a construção diária de sua identidade enquanto docente a partir dos desafios do contexto escolar e das mudanças ocorridas no meio ao qual estão inseridos.

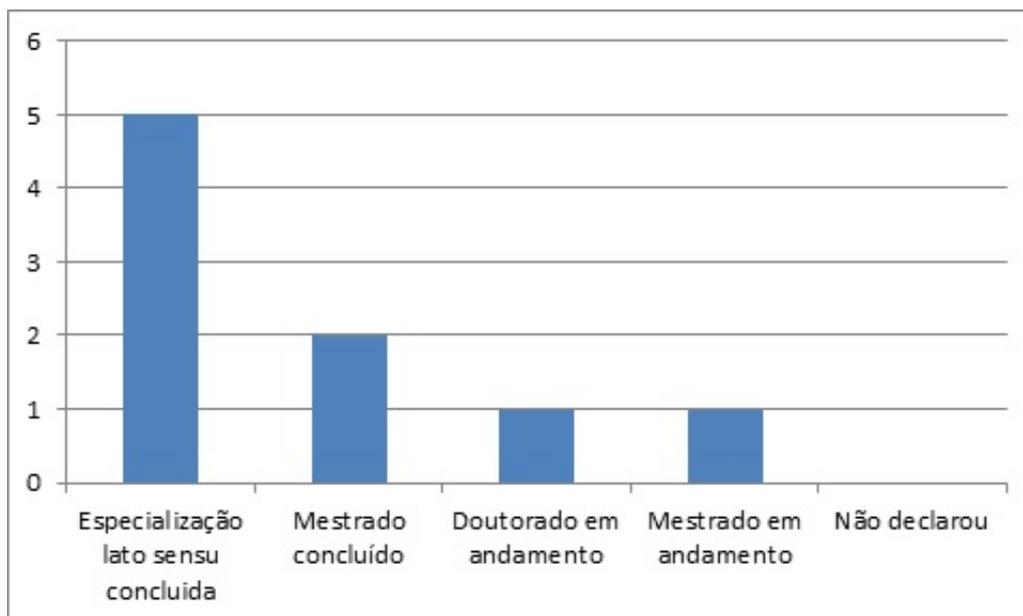
Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário online com questões abertas e fechadas. O Questionário foi elaborado utilizando-se a ferramenta Google Docs, disponível gratuitamente, e disponibilizado na internet. Para Gil (2010) o questionário é um processo de busca por meio de questões que são aplicadas a sujeitos com o objetivo de obter informações sobre as questões relevantes para a pesquisa. Entendemos que essa técnica de coleta de dados é a ideal, uma vez que os entrevistados estão espalhados em diferentes municípios do Estado de Goiás. O autor apresenta como uma das vantagens desse instrumento a possibilidade de se trabalhar com os sujeitos, mesmo que dispersos em uma área geográfica.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

Os participantes dessa pesquisa foram 04 professores tutores a distância (PTD) e 06 presenciais (PTP). Em relação ao sexo, 50% foram do sexo feminino e 50% do sexo masculino. A idade média foi de 32 anos dos quais a menor foi de 26 anos e a maior de 43 anos. Em relação a formação básica dos tutores, 50% são licenciados, 30% são tecnólogos e 20% são bacharéis. Desses, apenas 01 professor tutor declarou possuir mais de uma graduação.

No item formação continuada apenas 01 tutor não declarou, ou não possui pós-graduação, conforme figura 01.

Figura 01 – Formação continuada dos professores tutores.



Os professores tutores participantes da pesquisa possuem em média 04 anos de atuação nessa modalidade, sendo o menor tempo de 01 ano e o maior tempo de 07 anos. Quando questionados, sobre os motivos que os levaram a atuar como professores tutores, 02 deles reforçaram a qualidade dos cursos dessa modalidade:

"Por acreditar na educação a distância e pela possibilidade de contribuir com a formação de professores de Ciências e Biologia" (PTP 04)

"Por afinidade com rede global de computadores e por acreditar nesta modalidade de ensino" (PTD 03)

Em relação aos elementos positivos que interferem na prática docente enquanto professores tutores, 03 deles fizeram relação direta com os recursos tecnológicos, destacando a tecnologia, o chat e o Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Para Peixoto (2008) devemos reconhecer que as mídias digitais ampliam os potenciais da educação contribuindo para o ensino e aprendizagem, contudo é preciso ampliarmos os olhares para os elementos sociais e culturais para que não sejamos reduzidos a um determinismo tecnológico, compreendendo que as inovações tecnológicas não representam mudanças significativas nas práticas pedagógicas. Compreendemos assim a necessidade emergente de inovarmos as práticas da educação.

Quando questionados, sobre a importância do AVA para o processo de ensino e aprendizagem 01 deles não considerara fundamental, pois entende que outras mídias digitais podem possibilitar os processos de interação:

"Nenhuma o saber pode ser feito pelo Facebook, CD ou outras mídias" (PTD 02).

Castells (1999) aponta que a sociedade redefine a tecnologia a partir do momento que se apropria dela, não apenas como ferramenta a ser utilizada, mas por meio das metodologias a serem desenvolvidas, transformando as relações socioculturais. Os docentes precisam compreender a natureza pedagógica de cada um dos recursos tecnológicos utilizados na EaD. Peixoto (2009) ajuda-nos a compreender que é necessário o estabelecimento de um objetivo ao utilizarmos os aparatos tecnológicos, para que eles apresentem um propósito didático pedagógico.

É preciso prever a utilização dos dispositivos tecnológicos com a finalidade de responder a um determinado aspecto de um determinado tipo de aprendizagem. Ou seja, mesmo que as tecnologias ofereçam cada vez mais possibilidades de responder às múltiplas exigências particulares dos programas de formação, as soluções técnicas em si não respondem a tais exigências (PEIXOTO, 2009, p. 93).

A autora destaca que precisamos questionar “a definição de objetivos, seleção, estruturação e acessibilidade de conteúdos, apoio à aprendizagem, mediação dos conteúdos, escolha das mídias e criação de um ambiente de aprendizagem” (PEIXOTO, 2009, p. 94). Ela completa que a apropriação do fazer pedagógico provocará a reflexão sobre a utilização de práticas cotidianas.

Porém, 01 dos professores tutores atribuiu ao AVA a responsabilidade pelo processo de ensino e aprendizagem:

“De promover parte do processo de ensino-aprendizagem, bem como possibilitar interações e comunicações que possibilitem a eficácia desse processo.” (PTP 04).

É necessário o estabelecimento de uma nova relação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, com o professor deslocando-se para uma posição horizontal, se colocando como orientador e mediador do conhecimento (PEREIRA; CESAR, 2016). Não podemos utilizar as novas mídias digitais na EaD como uma ferramenta otimizada na transferência de informações, é necessário que haja uma inovação no contexto educacional por meio de metodologias que promovam novas formas de ensinar e aprender (SCHLEMMER, 2013).

Ao serem questionados sobre os processos de mediação pedagógica, os tutores citaram a relação entre os professores tutores e os alunos. Vale destacar que não citaram a relação das mídias digitais nesse processo.

Nesse contexto, propomos a adoção de um método inovador e que possibilite a utilização de metodologias ativas. O Ambiente de Gestão de Aprendizagem ou Conceito

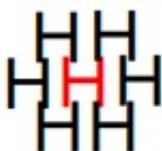
H em que o ambiente de aprendizagem (sala de aula) é toda a internet (ROCHA, 2011). O Conceito H surge como um método inovador que possibilita múltiplas conexões. Nesse método o aluno tem a sua disposição todos os recursos disponíveis nas mídias digitais, porém ele não está sozinho, uma vez que o professor tutor do curso deve atuar como um orientador e incentivador. O aluno deve sempre retornar para o “porto seguro”, ou H, para troca de experiências e discussões.

Conforme Rocha (2011):

[...] H, um ambiente onde o aluno recebe instruções e orientações, além de reportar suas descobertas e relatar as missões finalizadas. Já o ambiente de aprendizagem é toda a Internet, com todos os serviços, sites, correios eletrônicos, usuários diversos, serviço de mensagens instantâneas, salas de bate-papo, fóruns, websites e tantos outros, que serão usados na medida da necessidade e interesse da pesquisa/consulta que os alunos farão, sempre com a orientação de seu porto, que lhe dirá caminhos possíveis, serviços e endereços que podem auxiliar o aluno em sua formação (p. 184).

Esse conceito pode ser compreendido através da representação visual (Figura 02), proposta por Rocha (2011), que demonstra as interconexões existentes.

Figura 02 – Metáfora do caractere H conectado.



Fonte: (ROCHA, 2011)

Podemos perceber que os pressupostos desse conceito são a interação social e a exploração dos recursos disponíveis nas mídias digitais, que possibilitam o processo da aprendizagem, por meio de constantes descobertas e (re) construção dos materiais. Rocha (2011) apresenta que nesse conceito o professor elabora um guia de orientação para os alunos, porém não há um livro-texto, pois os alunos que devem buscar o material por meio das leituras referenciadas no plano de curso e no guia.

Para basear esse aprendizado a partir das instruções previamente recebidas, a estratégia pedagógica desse conceito baseia-se no método Aprendizagem Baseada em

Problemas (PBL), uma vez que ele possibilita extrair dos alunos a busca por soluções para o problema apresentado inicialmente. O aluno se reconhece enquanto sujeito ativo de sua aprendizagem, além de aproximar o conteúdo trabalhado de sua realidade. De acordo com Moran (2015) esse método apresenta-se como uma das possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem ativos.

4. Considerações Finais

É preciso que as Instituições de Ensino Superior promovam a formação continuada dos professores tutores para a atuação na modalidade a distância, com o foco não apenas na tecnologia, mas também em relação às práticas pedagógicas e os processos de mediação. É importante que nos cursos EaD o aluno não seja limitado as funcionalidades dos AVA que muitas vezes se apresentam apenas como repositórios de conteúdos.

É preciso estimular o aluno, para que ele explore e compreenda o contexto online e adquira autonomia para promover o seu próprio aprendizado, uma desses caminhos é o método proposto, Conceito H, o qual não limita os alunos a um único contexto, que muitas vezes torna-se desmotivante.

Referências

BANDEIRA,W.; ROCHA, C. TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO: articulando aprendizagens pela experiência. In: PORTO, M.D.; FERREIRA, J.R.R.; SANTOS, M.L. Os desafios do ensino de ciências no século XXI e a formação de professores para a educação básica. Curitiba: CRV, 2016.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FAGUNDES, L.C. Prefácio. In: VALENTINI, C.B.; SOARES, E. M. S.(Org.). Aprendizagem ambientes virtuais: compartilhando ideias e construindo cenários. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KENSKI, V. M. Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem. In: Congresso Internacional de Educação a Distância. Florianópolis – SC, 2005. Disponível em . Acesso em 12 de novembro de 16.

MORAN, J.M. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. In: [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015

MORAN, J.M. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Apoio de Tecnologias. In MORAN, J.M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS M. A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas: Papirus, 2013, p.11-72.

PEIXOTO, J. A inovação Pedagógica como meta dos dispositivos de formação a distância. EccoS – Revista Científica, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 39-54, jan./jun. 2008.

PEIXOTO, J. A concepção de dispositivos pedagógicos que integram as TIC. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 34 (1): 89-150, jan./jun. 2009.

PEREIRA, D.R.M.; CESAR, D.R. Inovação e abertura no discurso das práticas pedagógicas. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 619-636, jul. 2016.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

ROCHA, C. S. Ambiente de gestão de aprendizagem: o conceito H. In: RODRIGUES, C.A.C.; CARVALHO, R.M.A. (Org.). Educação a distância: teorias e práticas. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011, p. 127-134.

SCHLEMMER, E. Políticas e práticas na formação de professores a distância: por uma emancipação digital cidadã. In: GATTI, B. A.; JUNIOR, C. A. da S.; NICOLETTI, M. da G.; PAGOTTO, M. D.S.. (Org.). Por uma política nacional de formação de professores. 1ed.São Paulo: Unesp, 2013, v. 1, p. 109-136.

SOBRAL, F.; CAMPOS, C. J. G. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 46, n. 1, São Paulo, 2012.

WOOD, E.J. Problem-based learning. *Acta Biochimica Polonica*, v. 51 n°2. 2014.